

De onde vêm e para onde vão as mulheres? Os tempos da vida contados no ônibus¹

Nildamara Theodoro Torres – UERJ
Carly Barboza Machado - UFRRJ

O presente artigo é parte da dissertação por mim apresentada para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais e propõe um estudo da circulação das mulheres nos ônibus entre as cidades de Pirai e Barra Mansa - RJ, a partir da rota de um ônibus que atravessa esta região e mobiliza atores e situações. Busco analisar o cotidiano das mulheres a partir da dinâmica do tempo das cidades, regulado e regulamentado pelo transporte urbano. Através de uma Antropologia em movimento trago as narrativas e as cenas cotidianas que compõem as experiências de mulheres como as demandas reprodutivas e do trabalho remunerado. No que tange a circulação das mulheres no espaço público das ruas e principalmente dos ônibus, foi possível perceber que todas as mulheres têm seus corpos atravessados por condutas morais e isso afeta seu comportamento dentro e fora dos ônibus.

Vemos aparecer novos problemas investigativos associados a um pensar nômade. O “andar de ônibus”, representa mais do que o deslocamento e a mobilidade das pessoas de um lugar para o outro. Ele também acarreta um conhecimento da cidade em seu âmbito mais profundo. E dentro dele encontram-se mulheres que passeiam, estudam, trabalham, movimentam e articulam o território.

Palavras-chave: Mobilidade urbana; circulação; mulheres.

A partir das minhas próprias idas e vindas saindo de Pinheiral para Seropédica e os impactos que esse deslocamento me causava, comecei a pensar como esse trajeto era cheio de possibilidades. Desta forma, parti em busca de compreender a cidade do ponto de vista das pessoas que vivenciam, experimentam e sentem sua dinâmica. Decidi por me “jogar” em longas viagens de ônibus. E esta foi a maneira que encontrei de me aproximar dos fluxos e das interações entre as pessoas e principalmente entre as mulheres.

O desafio aqui é apresentar as situações que evidenciam como pequenas escolhas condicionam a circulação das mulheres e seu deslocamento na cidade. Percebo que as mulheres travam uma luta incessante contra o relógio, tentando

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

administrar sua vida cotidiana e o uso da rua, do bairro e da cidade, que mesmo com o trabalho “fora”, ainda hoje está muito ligado ao papel de gestora do lar, isto é, são as que mais acionam as estruturas de educação, saúde, alimentação e subsistência do grupo familiar. Para isso eu trago as narrativas de Maria Cláudia, Fran e Lúcia e como seus trajetos são compostos por caminhos, mas também por pequenas resistências cotidianas principalmente agora, em tempos de pandemia.

De dentro do ônibus que faz o trajeto de Piraí a Barra Mansa, (cidades localizadas no interior do estado do RJ) passando pelos bairros Varjão, Arrozal e Km9², observei um número bem expressivo de mulheres indo de um lugar para o outro com demandas muito específicas.

Este percurso foi cheio de descobertas sobre a rotina das mulheres que encontrei pelo caminho e acompanha-las me possibilitou pensar o universo do transporte coletivo através de estratégias diárias criadas por elas dentro e fora dos ônibus. Afinal, não era tão simples descer dos ônibus e chegar em casa, era preciso saber por onde passar, com quem passar e em quais horários para reduzir o perigo e o medo.

Servindo-me das contribuições de uma Antropologia em movimento atrelada aos discursos e situações vividas por essas mulheres diariamente, pude entender como se dava a relação delas com o espaço social que estavam inseridas.

O antropólogo André Dumans (2013) esteve sempre disposto a andar com as pessoas da cidade de Minaçu no interior de Goiás. Este movimento permitiu aproximação com o cotidiano das pessoas. Mesmo em descanso, parado numa casa, em um bar, os assuntos das conversas eram os deslocamentos próprios e de outros conhecidos. Em seu trabalho somos levados a conhecer o deslocamento como vivência, isto é, os homens e mulheres com quem o antropólogo conversou falam de suas experiências de deslocamentos físicos, sociais e ocupacionais múltiplos. Também retomo as experiências de Lenin Pires (2011) que fez viagens intensas durante dias, ou por semanas seguidas, nos ramais mais movimentados do sistema ferroviário. Neste exercício, foi capaz de perceber os trens em diferentes períodos significativos: nas festividades, como Natal ou Carnaval; em momentos eleitorais, ou outros marcados por especificidades que eram compartilhadas pelos atores.

² De carro, estamos falando de um tempo de deslocamento de aproximadamente 35 minutos e de ônibus em torno de 2 horas.

Luna Lyra (2017) no seu campo acompanhando o deslocamento das domésticas em Minas Gerais trata a cidade como um espaço móvel, porque as pessoas com as quais estabelecemos relações são móveis. Na cidade, nosso campo não pode ser mais um espaço geograficamente delimitado: o campo está ali onde se encontram as pessoas que pesquisamos, as relações que queremos entender.

Uma perspectiva etnográfica em movimento instiga uma série de experimentos a partir do olhar sobre os sujeitos e suas relações no espaço. As dimensões das vivências dessas mulheres a partir de suas narrativas e as ações em movimento que ligam o estar nos ônibus com trabalho remunerado e os cuidados com a família, por exemplo.

O meu trabalho de campo registrou narrativas durante o deslocamento, e sobre o deslocamento, o conteúdo das descrições também apresentavam os contornos de uma configuração moral específica assentada sobre o sentido e o valor daquelas andanças. Nos percursos me mantive atenta às situações, às conversas paralelas, aos pequenos conflitos e às negociações.

Eu me incomodava com o trânsito, com os atrasos, com o barulho e com o desconforto das poltronas. Por vezes as viagens eram superlotadas ou as coisas fugiam do controle, como ônibus quebrado, crianças gritando, senhoras reclamando e as fortes chuvas que atrasavam as viagens. Estive atenta às atividades profissionais de Maria Cláudia, Lúcia e Fran, as suas opções de lazer, as formas de sociabilidade e relações afetivas, os espaços geográficos assim como as maneiras de circular por estas cidades e por estes bairros.

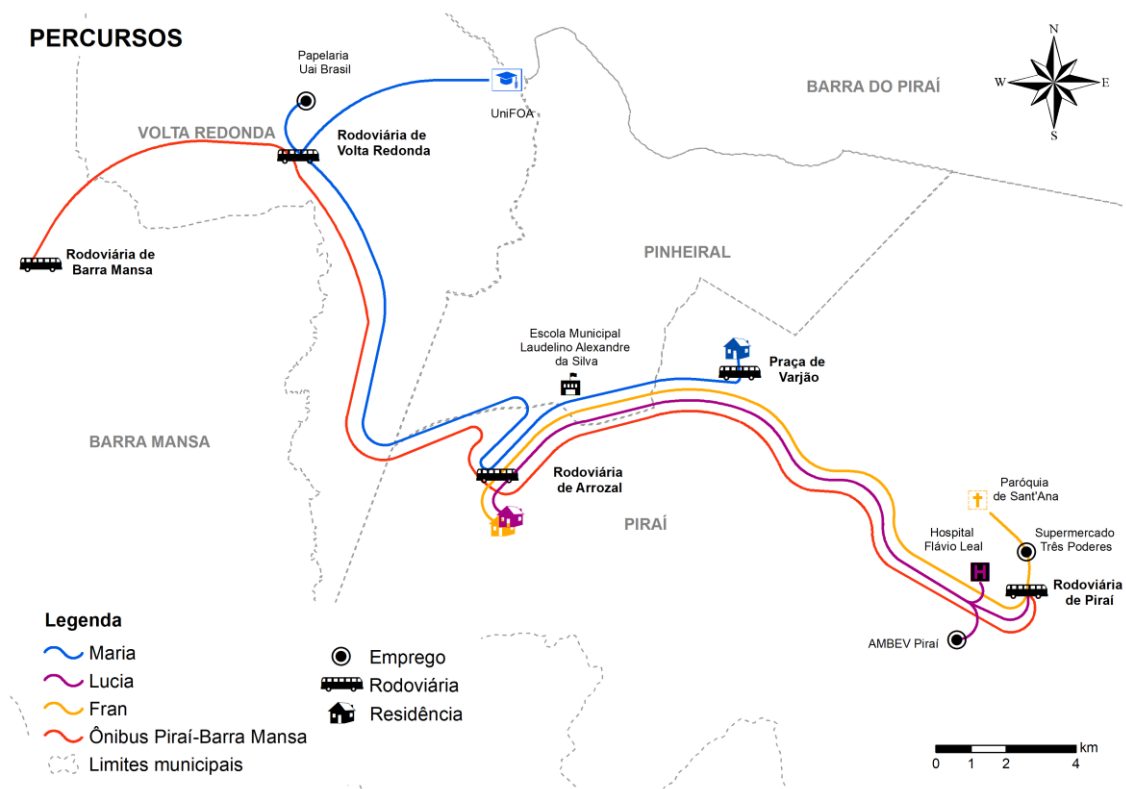


Figura 1 - Mapa dos percursos. Realização Theresa Rocco Pereira Barbosa

As fronteiras produzidas por mulheres que transitam

Lúcia

Era uma mulher que carregava um ar de melancolia no olhar. As primeiras vezes em que conversamos tentou desviar o rosto para baixo ou para a janela do ônibus. Uma mulher com estatura mediana, magra, cabelos curto que variava as cores entre avermelhado e loiro, pele clara e roupas sempre elegantes.

Há oito anos ela faz um acompanhamento psicológico próximo ao hospital que leva sua sogra Dona Ivone para os tratamentos da coluna e das outras limitações que adquiriu depois do AVC. Com 30 anos de casamento, seu marido Afonso era dono de uma pequena mercearia localizada em frente à casa que moravam em Uberlândia/MG, ela cuidava do negócio enquanto ele estava no trabalho de motorista. Nos encontramos no ônibus bem próximo do bairro Arrozal e com sotaque forte e a voz firme, ela me explicou que não gostava do padrão de vida que a família levava em Arrozal.

Na época em que sua sogra começou a ficar doente seu marido precisava fazer viagens contínuas para o Rio de Janeiro e com um tempo decidiu vender tudo que eles tinham em Minas. Venderam a casa própria, a mercearia e uma casa de aluguel. Com a venda dos bens, eles compraram a casa que moram atualmente perto da sogra em Arrozal e o

restante do dinheiro o Afonso não soube gerenciar e “*desperdiçou com bobagens*”. Com tudo isso, Lúcia começou a ter crises de pânico, ansiedade e não conseguia mais “*gerenciar a própria vida*”. De acordo com ela, não foram escolhas que havia feito.

Eu gostava de ficar na mercearia, gostava dos meus amigos, vim para cá e odeio, não gosto de nada, das pessoas, do transporte, dos lugares. Tive uma forte depressão depois do acidente e com a mudança tudo piorou e por recomendações da psicóloga comecei a trabalhar para distrair minha mente e não ficar só em função da minha sogra e da vida do meu marido, mas se a saúde dela piorar eu sei que vou precisar sair desse emprego. Trabalho na AMBEV há dois anos de auxiliar em um setor burocrático e consegui através de uma amiga que mora em Pinheiral.

Duas vezes na semana por volta das 7h nos encontrávamos no ônibus que saía de arrozal para Piraí e fazíamos o percurso até a “Casa do Mamão”, que é uma lanchonete em frente ao posto de gasolina antes de chegar no centro de Piraí. Neste local ela desembarcava e andava aproximadamente 10 minutos até a AMBEV e geralmente eu seguia viagem para a Rodoviária. Lúcia estava sempre na companhia de uma garrafa de água, por vezes eu observei que tomava comprimidos no caminho, mas nunca perguntei o motivo.

Certo dia, mesmo sem a minha indagação sobre os remédios, começou uma tentativa desesperada de me explicar porque tomava tantos comprimidos. Foi nesse momento que me explicou que eram antidepressivos. Enquanto contava seus olhos enchiam de lágrimas e eu não sabia como agir. Me posicionei dizendo que ela não precisava me contar se isso a fizesse mal. Porém, com um sorriso no canto do rosto me disse que era ótimo contar. E que se sentia bem falando para alguém.

Lúcia me contou que sofreu um grave e ao embarcar naquele ônibus todos os dias retomava o fato de não conseguir superar seu acidente e com isso o conforto e a independência que tinha ao dirigir seu próprio carro jamais retornariam.

Maria Cláudia

Maria Cláudia conciliava sua rotina entre trabalho, estudos e a criação de seu filho de sete anos. Era uma mulher baixa, magra e com um temperamento forte. Fazia faculdade de Direito de segunda a quinta-feira, partir das 18h na Faculdade Oswaldo Aranha – UniFOA em Três Poços, Volta Redonda, localizada a 30 minutos de seu trabalho.

O trabalho na papelaria em Volta Redonda começava às 10h e terminava às 17h. Com o dinheiro do salário de atendente na loja, ela paga a faculdade e as contas da casa. Na maior parte das vezes em que nos encontramos, Maria estava com fones de ouvido lendo livros bem grossos da faculdade ou gravando áudios com os conteúdos da matéria para a prova. Essa era a maneira que encontrava de aproveitar o tempo que passava dentro dos ônibus. Depois que soube da pesquisa ela se disponibilizou a conversar comigo. Dona Lucilene, sua mãe, tem 53 anos, e teve duas filhas, dentre elas, Maria Cláudia e a irmã Elena e, um filho que faleceu em um acidente de carro em uma estrada na Bahia no ano de 2013. As três são muito próximas e compartilham a criação de João. Tive a oportunidade de conhecer sua mãe e sua irmã depois que eu já tinha terminado meu trabalho de campo e estava voltando de Seropédica. As três estavam indo levar o menino para uma festinha de encerramento da escola e esperavam o ônibus para Piraí na praça do Varjão onde moram.

Juntas em um ônibus lotado e sentadas atrás do banco preferencial ouvimos uma senhora reclamar que estava sem lugar. Por alguns instantes todos fingiram que não estavam vendo, inclusive uma mulher jovem que estava sentada no banco preferencial olhando para a janela do ônibus. Foi quando um homem ofereceu o lugar, mas antes da senhora chegar até o local Maria cutucou a mulher na sua frente e pediu que se retirasse do lugar que não era destinado a ela, visto que a senhora não deveria ter que andar até o final do ônibus para sentar em outro lugar. A moça olhou com indignação e antes que começasse a retrucar, Maria se exaltou e a mulher desistiu de argumentar, se retirou e ficou em pé no corredor. *Faz de besta, não estou aqui para bater palma pra maluco dançar.* Encerrou dizendo.

Em julho houve outro momento curioso, estávamos na rodoviária de Piraí, Maria estava de folga do serviço para participar de uma última reunião de pais na escola do filho antes que entrasse de férias, foi quando um homem se aproximou e começou a entregar panfletos de campanha política. Enquanto entregava ele queria conversar sobre os candidatos que estava apoiando, mas nós duas íamos embarcar no ônibus para o Varjão que já estava parado na vaga e as pessoas estavam formando uma gigantesca fila. Ao observar que se tratavam de candidatos do PSL não fizemos questão de estabelecer nenhum diálogo. No entanto, quando nos encaminhamos para a fila o homem nos acompanhou e dentro do ônibus ele esbravejava em um tom de voz muito alto sobre como o país estava “*afundando*” com o governo PT. Falava para todos os passageiros

ouvirem, até que um homem começou a dar atenção e os dois continuaram falando em voz alta. Como estávamos na poltrona da frente deles, era impossível não ouvir. Foi quando Maria virou-se para trás e disse:

Será que o senhor pode falar sobre seu candidato um pouco mais baixo? Ninguém aqui é obrigado a ficar ouvindo esse monte de informações destorcidas. Estou cansada e a última coisa que eu quero ouvir é o senhor aos berros defendendo candidato fascista.

Nesse momento ouve um silêncio assustador, mas os dois não pararam mais. De um lado ela defendia as políticas de entrada e permanência nas universidades, do outro lado ele falava sobre roubos e corrupção. Por fim, após alguns minutos sem saber como agir eu me intrometi e quando percebemos estávamos em quatro pessoas discutindo em voz alta sobre política dentro do ônibus. Quando finalmente ele se cansou já estávamos chegando no ponto em que ela ia descer.

Maria Cláudia gostava de dizer que era a “*rainha dos barracos*”, houve situações em que reclamou da falta do ar condicionado, dos infundáveis atrasos, outrora da superlotação. Eu presenciei grande parte desses momentos e o último dia em que estivemos juntas foi quando uma mulher passou uma criança pequena pela janela do ônibus para outra mulher que estava do lado de fora. O ônibus estava muito cheio, quando ela sinalizou que iria descer no próximo ponto, não entendemos se a mulher ficou com preguiça de pedir licença para todas as pessoas até chegar na porta ou se era habitual aquela atitude. Entregou a criança e uma bolsa bem grande e o ônibus seguiu viagem. De acordo com Maria eu fui uma *boa companheira de aventuras*.

Fran

Fran era uma figura estonteante. Era possível ouvi-la de longe dentro do ônibus. Sempre muito agitada, andava de um lado para o outro enquanto falava, presta atenção em tudo e em todos a sua volta. Era comum enquanto conversávamos puxar assuntos diferentes com mais três pessoas ao lado. Uma mulher jovem, mas com muita história para contar, foi difícil acompanhar sua rotina. Havia uma inconstância em seus horários e praticamente todas as vezes que nos encontramos me contou uma novidade. Passava boa parte do seu dia trabalhando no mercado, mas seus horários também variavam bastante. Na maior para das vezes, estava acompanhada de sua neta Manoela, única pessoa com quem tinha paciência e agia diferente do modo como agia com outras pessoas. Muito conhecida entre os moradores da cidade, cumprimentava a todos.

Certo dia eu estava fazendo campo e um senhor me olhou e disse: *Oi menina, a Fran está participando do seu trabalho né? Ela me contou.* Eu nunca tinha visto aquele homem, mas ele me conhecia através da Fran. Muito comunicativa, sempre me mostrava situações que estavam acontecendo no ônibus, que por vezes eu nem estava olhando, mas pedia para eu anotar que poderia ser importante. *“Mara olha aquela janela quebrada, com certeza quando chove molha todo mundo”.* Em outro momento. *“Está vendo aquela alavanca de emergência? Deus queira que nunca precisemos dela, porque com certeza não está funcionando de tão enferrujada”.*

Sua mãe se chamava Nilda, e elas tinham uma péssima relação, por isso Fran não gostava de me chamar por essa parte do meu nome e só me chamava de Mara. Quando saiu de casa, ainda muito jovem por brigas com o seu pai, ela pediu para mãe se divorciar daquele homem alcóolatra que a agredia e agredia as filhas também. Na época, a mãe deixou que fosse embora e continuou casada com o pai. Com o passar dos anos todas as irmãs foram embora de casa. Ao todo são cinco irmãs e ela é a irmã do meio e, atualmente, duas moram em Queimados na Baixada Fluminense, uma mora em São Paulo capital, na casa dos patrões e a outra casou-se com um *“homem rico”* e mudou-se para o Espírito Santo. Os pais permanecem morando juntos no Mato grosso e Fran não mantém nenhum contato. Seu marido Roberto é caminhoneiro e quinze anos mais velho do que ela, quando se conheceram ele tinha 30 anos e Fran tinha quinze. Estava de passagem pela cidade com a firma que ele já trabalhava como caminhoneiro. Se conheceram em uma lanchonete que Fran trabalhava perto de casa e *“se apaixonaram”*. Ele começou a comprar pão e tomar café todos os dias pela manhã até que fez a proposta inesperada de casamento. Ela aceitou o pedido e se mudou para Barra Mansa. Sua filha Luiza nasceu com uma saúde frágil, muito alérgica e cheia de problemas respiratórios até uns cinco anos de idade. A frequência com que precisava levar a menina ao médico acabava inviabilizando que tivesse um emprego fixo. O fato de não poder trabalhar era muito incômodo para Fran que sempre buscou ter uma independência financeira, mesmo que fosse pouco dinheiro. Por isso decidiu que não teria outros filhos.

Eu paguei a minha língua, minha filha ficou grávida com quinze anos e eu crio Manoela como se fosse minha, mas dessa vez é diferente, sou mais madura e jamais deixarei meu emprego, nem que eu tenha que carregá-la

embaixo do braço como já fiz várias vezes.

Repetia inúmeras vezes que tinha orgulho da família que construiu e que jamais abandonaria a filha em um momento tão delicado como o da gravidez. O namorado de Luiza era um “*inconsequente*”, mas tentaram morar juntos. Por serem jovens acabou não dando certo e isto estava tudo bem, pois “*nem todas as pessoas tinham a mesma sorte que ela teve*”.

Fran dormia apenas 5h por noite, pois todos os dias chegava em casa por volta das 22h e limpava tudo. De acordo com ela, o seu “*sol em capricórnio e seu ascendente em virgem, não a permitiam dormir com a casa suja*”. Os brinquedos de Manoela estavam sempre espalhados, a pia com louça suja e roupas espalhadas pela casa. Se os gritos não funcionassem ela mesma fazia a faxina, “*se a casa estiver suja, eu que passo por porca, Deus me livre*”.

Na época em que foi diarista, era elogiada pelos patrões por limpar as frechas dos azulejos do banheiro com uma escovinha de dente velha para ter certeza de que estariam limpos. Ela não gosta desse período da sua vida e espera não precisar ser diarista outra vez.

Me explicou que seu sonho era fazer faculdade de Educação Física, mas que não teve essa oportunidade quando era jovem porque precisou trabalhar, por isso incentivava a filha a continuar os estudos. Afirmou que quando sua neta estiver com mais idade, ela vai voltar a estudar, arrumar um emprego com “*salário digno*” e comprar uma casa própria.

Na rodoviária de Piraí sempre sentávamos nas cadeiras vermelhas na lanchonete da rodoviária e fazíamos o pedido das cervejas junto com o refrigerante para Manoela e a conversar começava. Fran frequentava a Igreja Católica “*Nossa Senhora de Sant’Anna*”, localizada a poucos metros da praça e era um dia de reunião para organizar o evento que aconteceria na metade do ano. Ela gostava de participar dos bingos, das festas para arrecadar dinheiro e das missas Foi surpreendente perceber o envolvimento dela com as atividades da Igreja. Ia na missa todos os domingos, em Piraí ou em Arrozal, na igreja que tem na praça central do distrito e sempre afirmava: *Sou muito religiosa, mas ninguém é de ferro. Jesus bebia vinho, eu bebo cerveja.*

Nesse momento, em meio a gargalhadas extravagantes fizemos um brinde e depois de duas cervejas nos despedimos, foi o último dia em que acompanhei a jornada cotidiana de Fran.

Passageiras e suas narrativas- Mulheres, trabalho e família

A construção do papel feminino dessas mulheres na família e no trabalho esteve presente nas narrativas e discursos aqui apresentados. E uma série de elementos nos levam a pensar sobre a precarização do trabalho das mulheres, juntamente com a precarização familiar, levando-nos a crer que ambas as discussões precisam ser analisadas conjuntamente.

Historicamente, instituiu-se um modelo “ocidental” de família nuclear que serviu como base para várias construções teóricas. Porém, a maioria dos lares se distanciam desse modelo e não são dirigidos por homens e sim por mulheres (HIRATA, 2010). Como é o caso de Maria Cláudia, mãe solteira e que gerencia o lar sozinha. Este cenário atenua as dificuldades de equilibrar as diferentes obrigações e atividades diárias, e as mulheres precisam montar estratégias como: a mobilização de outras mulheres, mães, vizinhas, amigas, irmãs para criar uma rede de sociabilidade que auxilia nos cuidados com a criança. Maria Cláudia e Fran contam com essas redes e ainda assim possuem trabalhos menos qualificados, ou seja, com uma remuneração mais baixa para terem horários flexíveis.

Esse padrão reflete em uma divisão sexual do trabalho atenuada, onde os homens se dedicam integralmente ao trabalho voltado para o mercado e as mulheres ainda articulam trabalho no mercado e os trabalhos reprodutivos (BRUSHINI, 2007). Sendo as protagonistas de um grande número de tarefas, perpassamos novamente as discussões sobre o tempo.

O descompasso entre os horários para a família, trabalho remunerado, trabalho doméstico, o tempo para si, e o tempo da cidade, bem como o transporte, as longas filas e a espera geram desgastes não só físicos como também emocionais. A racionalidade do espaço público e da jornada de trabalho é determinante da construção social do tempo, o que significa dizer que a organização social e individual do tempo se assenta sobre a dicotomia jornada de trabalho-tempo livre, em que o tempo do cuidado se torna invisível (TONS, 2003). Isto é, a disponibilidade temporal não condiz com a realidade concreta dessas mulheres.

As três mulheres dessa pesquisa, Fran, Maria Cláudia e Lúcia, carregam a responsabilidade do cuidado, respectivamente da neta, dos filhos e da sogra. Essa forma

de cuidado é agravada pelo fato dessas pessoas (neta, filhos e sogra) dependerem integralmente desse cuidado para sobreviverem. Especialmente no caso de Lúcia, há um atenuante que são as questões de saúde psicológica envolvida. Em seus relatos a combinação entre um acidente grave e a experiência de mudança para Arrozal, contra sua vontade para solucionar problemas da vida particular do seu marido e do seu filho, agravaram sua depressão, a síndrome do pânico e a ansiedade. O seu cotidiano de brigas constantes com o filho e o cuidado integral com a saúde se sua sogra, não deixam espaço para que ela cuide de si mesma gerando uma angústia diária.

Sônia Maluf (2010) dedica-se em trazer as problemáticas que imperam no campo da saúde mental com recorte de gênero, justamente por compreender as particularidades da experiência de sofrimento e aflição das mulheres. Uma das questões está relacionada ao crescimento maciço do consumo de antidepressivos por parte de mulheres que sofrem cotidianamente com conflitos na esfera doméstica e familiar – contextos de violência, filhos, itinerários cansativos, trabalho e dinheiro. Sua pesquisa realizada com mulheres moradoras de bairros periféricos em Florianópolis pontua:

“(...) os discursos e as narrativas delas sobre aflições em geral estão ligados a experiências sociais “perturbadoras” e articuladas em geral a suas vivências cotidianas no contexto social, cultural e econômico, e não a uma percepção de fases de um “ciclo da vida”, tal como colocam algumas políticas públicas em saúde mental e saúde da mulher” (Maluf, 2010; p. 43).

Diante disso, Diana Brown (2010) busca capturar as principais imbricações sobre o cuidado com pessoas idosas e doentes. E destaca que este cuidado é feito predominantemente por mulheres. E esse cuidar envolve parentes consanguíneos e afins igualmente, todos morando muito próximos e juntos formam a rede de cuidadores orquestrada para garantir “vigia” 24h. Em sua pesquisa sobre envelhecimento e saúde em Santa Catarina, Florianópolis, a autora destaca a grande variedade de aflições que ocorrem durante as atividades de cuidado.

Essas mulheres geralmente enfrentam a pressão da família, as circunstâncias nas quais há pouca assistência e poucos recursos oferecidos pelo estado.

O deslocamento para hospital em condições desfavoráveis, o cansaço físico por trabalhos repetitivos, preocupação, estresse, tristeza e até depressão (BROWN, 2010). A principal diferença entre Lúcia e as demais mulheres dessa pesquisa e das mulheres apresentadas na pesquisa de Maluf e Brown (2010), está na ausência dessa

rede de compartilhamento do cuidado. Deste modo, cuidar sozinha da sua sogra, sem nenhuma ajuda de pessoas próximas é uma tarefa árdua que sobrecarrega seu corpo de maneira física e emocional.

Conquanto, Maria Cláudia também apresenta traços de uma mulher estressada, muito preocupada com o seu filho, a faculdade e o trabalho, sua fala estava sempre carregada de queixas relacionadas a falta de dinheiro, ao cansaço do deslocamento e a “*correria*” cotidiana.

Fran também trabalha e mesmo assim o seu salário atua como complementar na renda familiar. Ao mesmo tempo, é uma jornada que “não termina”, regulada por obrigações inevitáveis do cotidiano e do trabalho doméstico, que não é remunerado, mas não deixa de ser uma obrigação dela. A contribuição feminina para o sustento dos lares instaura novos deveres, mas que não são suficientes para estabelecer relações menos hierárquicas entre homens e mulheres (HIRATA, 2010).

Pesquisas de 2012 feitas pelo SOS Corpo e o Data Popular realizadas em nove capitais com uma amostra de 800 mulheres que possuem trabalho remunerado, indicam que 54% das entrevistadas utilizam o transporte público para ir e voltar do trabalho. E somente atrás das creches, o transporte público lidera como principal demanda das mulheres ao poder público.

A qualidade e a quantidade das linhas disponíveis são um agravante para as dificuldades do dia-a-dia “corrido” das mulheres. Para reiterar essas questões, os resultados das pesquisas desse mesmo instituto evidenciam uma injusta distribuição de tarefas domésticas, bem como a relação que associa os homens a uma esfera pública e de produção, e as mulheres a reprodução e ao espaço privado. Conciliando dados quantitativos e qualitativos para entender as estratégias utilizadas pelas mulheres para aliar trabalho remunerado e os cuidados com a casa e a família, as pesquisas apontam que o trabalho doméstico não é compartilhado por homens, que todas as mulheres realizam trabalhos domésticos dentro de casa e 71% dentre elas não contam com qualquer ajuda masculina.

Essa questão está presente nos relatos de Fran ao dizer que dorme apenas 5h por noite porque quando ao retornar do trabalho para casa, ela precisa realizar todas as tarefas domésticas sozinha.

Nesse sentido, Bruschini e Rosemberg (1982) destacavam no início dos anos 1980 como as categorias família e trabalho doméstico devem ser encaradas como chaves para o entendimento da dinâmica ocupacional feminina: a ideia de que a participação das

mulheres em atividades fora de casa está diretamente relacionada não só às oportunidades efetivamente existentes no mercado de trabalho, mas também à posição que elas ocupam na família e à classe social a qual pertencem. Nesse sentido, Fran deixa explícito em suas falas que seu trabalho está atrelado a sua independência, mas também a um complemento da renda familiar. A revista “Observatório Brasil da Igualdade de gênero” lançou em 2010 a temática sobre “Trabalho e Gênero”. E a socióloga Maria Betânia Ávila (2010) trouxe abordagens sobre as tensões em torno do tempo e do trabalho doméstico no cotidiano. Segundo a autora:

O trabalho doméstico remunerado aparece como uma solução para ter, em geral, precocemente um emprego. Surge, em um primeiro momento, como uma possibilidade de ter um salário, para mulheres em contexto de pobreza. Um emprego que não exige, uma escolaridade em qualquer grau ou uma formação profissional (ÁVILA, 2010; p. 73)

A autora prossegue o debate apresentando o emprego doméstico como uma forma de encontrar os meios para prover sustentação de si mesma e dos membros da família. É, portanto, uma categoria de trabalhadoras que tem como base para sua formação mulheres em situação de pobreza e baixa escolaridade. A fala de Fran evidencia estas questões, “(...) *eu precisava muito na época, meu marido estava há um tempo sem trabalhar, foi uma solução enquanto eu não arrumava algo um pouco melhor (...)*” No Brasil, as mulheres negras estão majoritárias nessa categoria; dessa forma, a relação entre raça e pobreza deve ser considerada como um elemento que incide sobre a formação dessa categoria de trabalhadoras. Para as que não puderam continuar os estudos, o abandono da escola permanece como uma falta incontornável, uma marca difícil na trajetória de vida e, também, como uma restrição objetiva à possibilidade de escolha de outros caminhos profissionais. Abandonar os estudos é uma perda que ecoa para sempre porque se mantém como uma dor e uma marca discriminatória (ÁVILA, 2010).

O sonho de fazer faculdade e buscar um “*salário digno*” também aparece na narrativa de Fran, uma mulher negra, pobre e que demonstrou em diversos momentos saber das dificuldades no cenário em que ela está inserida. Jules Falquet (2008) pondera que para entender como funciona a formação das relações de poder - relações sociais de sexo, “raça”, classe, a partir da análise da reorganização da divisão do trabalho e, mais particularmente, do “trabalho considerado feminino”, é preciso fazer um apanhado histórico sobre a construção dos papéis sociais

de homens e mulheres e o nosso atual contexto de divisão sexual do trabalho. Tão logo, os estudos sobre as desigualdades sociais e as dimensões de raça e gênero se configuram como marcadores sociais chave na hierarquização das posições que os sujeitos ocupam em nossa sociedade. Ao afirmar:

Sou uma mulher negra, e pobre. Já deixei vários empregos por conta disso. Sem contar os que eu nem consegui por conta da minha cor e falaram isso na minha cara. Como diarista era uma humilhação na casa de gente rica e branca. Limpando chão e vaso sujo dos outros.

Fran deixa claro o racismo que sofreu, e ainda sofre, nas suas tentativas de conseguir emprego e dos próprios empregadores quando foi diarista.

Diante disso, Bianca Vieira (2017) pondera que a coisificação da mulher negra (desde o Brasil colônia) foi elemento fundamental na construção das desigualdades. A elas cabia uma dupla dimensão do servir: de um lado, as atribuições vinculadas à manutenção das casas (limpeza, cozinha, cuidados etc.) e de outro, a satisfação sexual dos senhores e, conseqüentemente, a reprodução da força de trabalho. Isso remonta as condições atuais de vulnerabilidade social da mulher negra, portanto percorre esse curso na história quando se inicia o processo de substituição da força de trabalho escravizada pela assalariada.

Não pretendo me alongar deste debate que é muito mais profundo do que o pouco aqui mostrado, mas afirmo que as mulheres negras, situadas nestes marcadores, permanecem sendo duplamente desfavorecidas nos diversos âmbitos que compõem sua condição de mulher e de trabalhadora.

Conclusão

É possível permanecer no entendimento de que mulheres e homens vivenciam os problemas da vida urbana de forma distinta, devido às suas atribuições da vida doméstica e do trabalho, sua participação na vida pública, econômica, dentre outros elementos de distinção para compreender questões mais amplas. Sendo assim, ainda dentro do tema da mobilidade, é possível explorar melhor os fluxos cotidianos no que diz respeito aos percursos a pé, à circulação multimodal e aos transportes informais, por exemplo. E como todas estas escolhas condicionam a circulação das mulheres e seu deslocamento nas cidades. Atualmente pode-se afirmar que o uso dos transportes coletivos nos modelos em que Maria Cláudia, Lúcia e Fran estão habituadas a encarar, contraria frontalmente as

recomendações de distanciamento social recentemente implementadas na pandemia da COVID 19, e impacta principalmente a população de trabalhadoras pobres, que são a maioria das usuárias de transportes públicos nas cidades.

E o problema não se finda somente do interior dos ônibus, mas também em tudo que compõe o seu cenário, as filas, os pontos, as rodoviárias e a espera. E ainda, quanto mais longe a pessoa morar, e mais tempo passar no transporte, mais ela estará exposta ao contágio. É um problema que tem um impacto muito desigual, prejudicando verticalmente as pessoas mais pobres.

Em tempos de pandemia de Corona vírus, período em que os transportes coletivos são espaços que geram preocupações pelo alto risco de transmissão, por vezes me indaguei: como estaria a vida dessas três mulheres?

Os ônibus são ambientes fechados, com pouca ventilação, as vezes com a presença de ar-condicionado, além da dificuldade de manter um distanciamento mínimo entre as pessoas, ou seja, são espaços de risco. Há um atrito direto entre o controle da pandemia e o deslocamento das pessoas, visto que a principal medida de segurança é a não circulação para evitar o contágio desenfreado. A possibilidade de pensar essas mulheres para além do transporte coletivo e como se conectam trajetos e destinos principalmente no contexto da pandemia é uma tarefa que busco trazer em outros trabalhos daqui para frente.

Por fim, se a literatura da mobilidade me ensinou que não poder estar em movimento significa não poder usufruir de uma das principais características da vida urbana, agora quem não pode parar é obrigado a enfrentar o caos e os riscos e quem pode parar vai de Drive-in.

Referências:

ÁVILA, Maria Betânia. “O tempo do trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência”. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPE, Recife, 2010.

BRUSCHINI, Cristina. “Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos”. Seminário Internacional Gênero e Trabalho (MAGE/FCC), 2007.

CAIAFA, Janice. “Jornadas urbanas: Exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro”. 2002.

CALIÓ, S. “Relações de Gênero na Cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana”. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, p.50, 1991.

FALQUET, Jules. “Repensar as Relações sociais de sexo, classe e “Raça” na globalização neoliberal” 2008.

GUEDES, André Dumans. “O trecho, as mães e os papéis. Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás”. São Paulo: ANPOCS; Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

HIRATA, Helena. “Emprego, responsabilidades familiares e obstáculos sócio-culturais à igualdade de gênero na economia”. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

LYRA, Luna Esmeraldo Gama. “Por onde caminham as mulheres? Um estudo sobre os percursos cotidianos de mulheres diaristas em Belo Horizonte”, 2017. Maceió, Alagoas, 2015.